

A PALAVRA E SUA SOMBRA: LITERATURA E PSICANÁLISE

Cecília de Lara*

PASSOS, Cleusa Rios P. **Confluências - Crítica Literária e Psicanálise**. EDUSP/ Nova Alexandria, São Paulo, 1995.

BEZERRA de MENESES, Adélia. **Do poder da palavra. Ensaio de Literatura e Psicanálise**. Duas Cidades, São Paulo, 1995.

Publicadas no mesmo ano, estas duas obras mantêm feições próprias, sob a base comum, interdisciplinar, ressaltadas as diferenças na aplicação.

Em seu trabalho, Cleusa R. P. Passos impõe-se o desafio de “manter as peculiaridades do fenômeno literário”. Postura nada fácil na via de mão dupla Literatura/Psicanálise, ante a possibilidade real de mudança de lugar do objeto a ser interpretado à luz do “outro” conhecimento. Situação que expõe o crítico a certos riscos: o que pode ter motivado o texto inicial da coletânea. Pórtico de acesso aos demais estudos, promove a iniciação do leitor na apreensão do método. O rápido esboço histórico, de Freud a Lacan, passa por estudiosos de formação literária, como J. Bellemin-Noël e A. Green. A autora nos lembra, ainda, que o inconsciente não é propriedade da Psicanálise, detendo-se no Surrealismo. Mas, sublinhamos, a arte sempre tem perscrutado os meandros do ser humano, e não por acaso Freud recorreu à tragédia grega para batizar suas descobertas. Fincando raízes em solo comum, a prática Psicanálise/Literatura está longe da gratuidade que possa aparentar. Mas, no caso, importa verificar as aplicações. A opção da autora, com base em Ricoeur e Bellemin-Noël, é o de tomar a Psicanálise como “teoria” e “método de investigação”, e não meio terapêutico que se exercita no texto literário. Evita, portanto, analisar a personagem como pessoa, estendendo o “diagnóstico” ao próprio escritor, como se verifica na Psicocrítica, na Psicobiografia, centradas mais no autor. Se várias linhas de estudos psicanalíticos se abrem à escolha do crítico, o texto em si também pode inspirar análises mais adequadas. Neste sentido, a autora nos facilita a tarefa apontando-nos os fios condutores de suas abordagens: “lapsos, associações, procedimentos oníricos, jogos verbais etc. desde que fatores internos e

* Doutora em Letras. Pesquisadora em Literatura Brasileira e ensaísta.

singulares dos textos escolhidos". A diversidade, mesmo se moldada por opções pessoais e pela obra em si, nos permite avaliar os resultados. Não por acaso, totalmente logradas são as análises de "Feliz aniversário" de C. Lispector: os "elos da tradição" aliados ao "tema da morte"; e das duas narrativas de Cortázar, impregnadas da "inquietante estranheza", pois se trata de autores, como se sabe, amantes dos naufrágios abissais, mestres no deslizar imperceptível para dimensões do inusitado e do estranho, aflorando nas frestas do cotidiano. Num ponto médio, "O Palhaço da Boca Verde" de J.G. Rosa: o "lapso" tomando-se traço estrutural e "Les Rivages des Syrtes, de J. Gracq, regido pelos mecanismos do sonho, ilustram novos ângulos do método. Menos convincente, pela própria limitação do poema, no "Rondó do Capitão" de M. Bandeira considera-se a "angústia aliada ao popular". Uma amostragem mais ampla aumentaria a eficiência dos resultados. Sob a perspectiva da "obsessão miúda", **Os Ratos**, de Dionélio Machado, bem pode ser uma amostra do uso intencional da Psicanálise desde a concepção da obra, pois o autor é psiquiatra. Resultados da interpretação crescem ou minguam, portanto, dependendo de fatores internos e da habilidade na aplicação. Apesar da divulgação das formulações da Psicanálise entre leigos, a partir dos anos 20, no Brasil, pelos modernistas, seria demasiado simplista a crença de que a crítica de base psicanalítica seja de fácil acesso mesmo ao leitor familiarizado com os estudos literários. Daí o mérito incontestado deste trabalho, no qual resultado e caminho correm paralelos: traço pioneiro na tarefa de capacitar o leitor para o acompanhamento das propostas.

Na obra de Adélia Bezerra de Meneses a magia da linguagem, aliada à erudição, mantém a chama do interesse do leitor, nesse "passeio" pelo tempo e pelo espaço, de oriente a ocidente, do popular ao literário, do clássico ao contemporâneo. No plano teórico, Literatura/Psicanálise se associam pela raiz: "Pois a arte é um espaço onde se permite ao inconsciente aflorar; e a Psicanálise é antes de mais nada o reconhecimento desse inconsciente". Mas, outro veio é explorado: a aproximação Aristóteles/Freud: salto de 24 séculos que não impede coincidências. Nas aplicações, a heterogeneidade provém não só dos objetos, mas das perspectivas do tratamento, sempre presentes os dois planos: o da ficção e o da Psicanálise, alterando-se a primazia.

Do oriente, Sherazade "cura" pela palavra o desconfiado sultão; emendando narrativas, impede o corte do tênue fio da vida cotidianamente ameaçada. O popular e o erudito se mesclam na letra de "Terezinha" de Chico Buarque. Apenas sobrevoando o plano do significante, prioritário na análise de cunho literário, o fio narrativo é que nos conduz ao "Edipo" freudiano. O olhar abrangente faz aflorar, na poesia de J. Cabral, o "aspecto involutivo", que tem como "imagem-limite" o útero: a interpretação psicanalítica amplia a análise formal, que lhe serve de base. Em **Encarnação**, de Alencar, obra estruturada em antagonismos, passado/presente, vida/morte, identifica-se o processo de "transferência", que leva à libertação do passa-

do. Mas, é o "caso Dora", relato de Freud que, paradoxalmente, sublinha a especificidade do "literário": invertendo-se a perspectiva, no relato lido como um romance, "o enredo fica excessivo e o real não cabe na ficção". Daí o título: "Freud: um mau romancista". Em "Blade Runners somos todos nós", o filme sobre andróides suscita a questão da ausência de passado, base da emoção: como nas lembranças remotas sepultadas na infância. "Memória e Ficção I" retoma o "diálogo" Aristóteles/Freud: pontos comuns, como o "caráter visual" da lembrança da infância, exemplificado com um fragmento de Graciliano Ramos. Sob o mesmo título (II) trata-se da poesia como "memória viva do povo": "rememorar e inventar" se confundem. Freud comprovará que a "lembrança pode ser uma ficção". Outra é a proposta em **Angústia**, de G. Ramos, que examina a "síndrome de uma neurose de angústia" da personagem: exercício da Psicanálise como terapêutica. Vendo na personagem adulta de Angústia o menino de Infância, memórias de G. Ramos, falta bem pouco para se "diagnosticar" o escritor- apesar das reiteradas explicações da autora. A elaboração intencional de uma "análise mais psicanalítica que literária" encontra suporte interno: "dos romances da Literatura Brasileira é aquele que mais suscita uma abordagem psicanalítica", e externo, em Alvaro Lins, que aponta na obra o "método" da "confissão psicanalítica"; bem como nas explicações de Freud sobre a leitura de **Gradiva**. "O sonho de Penélope" realiza uma interpretação sem o concurso das associações do sujeito que sonha. Acatando a idéia da base cultural dos símbolos, reconstrói o universo em que o sonho se insere: o contexto da epopéia e a obra "Oneirocritica" de Artemidoro de Daldis, sobre símbolos da antiguidade. Mas, ao desvendar o "conteúdo latente" do sonho, o texto se torna campo experimental de postulados da Psicanálise.

Muitas faces da criação literária se revelam com a multiplicidade de enfoques, sob luzes diversas. Mas, quando a complexidade cresce, pelo entrelaçamento de várias áreas do conhecimento, não esperemos o acompanhamento imediato do leitor, nem por isso isento do fascínio exercido por obra tão rica, que certamente o instigará a novas buscas.